

# O MENINO E O PÉ DE ABACATE

Conto infanto-juvenil que se integra à fantasia natural e criatividade das crianças e dos jovens, divertindo, educando e somando para o desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica, valores de família, cultura, conhecimento, espiritualidade, respeito aos educadores, incentivo ao estudo, ordem e disciplina. Livro destinado a crianças e jovens que apreciam leituras inteligentes, sensíveis, culturais, educativas e temas da realidade social brasileira.

**CONTO COM MAIOR CONTEÚDO LITERÁRIO, UM MELHOR EXERCÍCIO DE LEITURA.**

## *Sinopse:*

*O livro conta a história de Carlos e o dia em que parou para olhar e ouvir o seu avô e descobrir verdadeiros tesouros de valores e histórias resgatadas do seu rico passado. A partir deste momento, nasceu uma nova relação de amizade e amor entre ambos, através de um novo e mágico conhecimento da alma e sentimentos humanos. Revivendo o seu passado, sua história profissional e suas brincadeiras de criança, o avô de Carlos revive no neto a sua infância e rejuvenesce em sua velhice. É um livro de ficção, porém retrata diversas situações reais da vida do autor, com registros de lembranças que marcaram sua infância humilde.*

João José da Costa



## Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que reservam parte de suas vidas para educar, de alguma forma, as crianças, com a missão e a crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.

Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.

Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.

João José da Costa

Olá! Eu sou o Carlos. Minha família me chama de Ká e meus amigos de Kaká.

Moro com meu pai José Carlos, minha mãe Maria Clara, minha irmã Doraci e meu avô Duda.

Moramos em casa térrea com grandes varandas e um grande quintal.

Aos dez anos de idade eu noto que meus pais olham orgulhosos o meu crescimento. E minha irmã me elogia dizendo que eu estou ficando um gato.

Que bom! Eu adoro gatos e os acho lindos.

Eu sempre olhei minha mãe, meu pai, minha irmã e meu avô do jeito que são. Assim, eu achava que eles sempre tiveram a idade que eles têm hoje.

Eu nunca tinha pensado que todos eles já foram crianças um dia, cresceram, casaram-se, tiveram filhos, estão envelhecendo.

Nós crianças vivemos o momento presente com nossas brincadeiras, estudos e nossos amigos. Geralmente, nós não prestamos muita atenção na vida dos adultos.

Mas, eu mudei! Agora eu noto que a rotina de um dia de meus pais e de meu avô é muito parecida com a rotina do dia anterior.

Meu pai sai apressado todos os dias, engolindo o café da manhã, sempre dizendo que um trânsito infernal e um Chefe carrasco o esperam.

- Tchau, pessoal! Deixe-me enfrentar este trânsito infernal e ver como está a cara do meu Chefe hoje.

Quando meu pai volta do trabalho cansado ele tira o seu terno e gravata e veste uma roupa mais confortável.

Em seguida, dá uma volta pelo quintal para ver suas plantas e flores. Ele dá alguns biscoitos para os cachorros. Ele me pega no colo levantando-me para o alto, apesar de meu peso, e me beija. Em seguida, ele vai para o seu computador abrir os seus e-mails. Após o banho, ele lê os seus jornais, assiste um pouco de televisão e vai dormir.

Todos os dias do meu pai são assim.

.

Minha mãe também tem sua rotina. Ela cuida da casa e das compras, toma minha lição e me leva e traz para todos os lugares que eu preciso ir.

Algumas vezes ela está contente, outras vezes está batendo panelas ou gritando, nervosa com os seus compromissos, dizendo:

- Ninguém valoriza o trabalho da dona de casa!

Às vezes, vai ao shopping, ao banco pagar um monte de contas, vai ao cabeleireiro e manicura e, o que é pior, me toma a lição da escola.

Há outra personagem em minha casa, o meu avô Duda, que igualmente mantém sua rotina.

Levanta-se bem cedo, procurando não fazer barulho para não acordar ou incomodar as pessoas, Ele prepara o café, toma uma caneca de café, come um pão amanhecido e sai para dar uma volta no quintal.

Em seus passos muito lentos e cuidadosos, ele percorre por várias vezes todo o quintal, planta por planta. Depois, ele pega um pouco de quirera de milho, banana e mamão para colocar em um lugar que ele escolheu no quintal para alimentação dos pássaros, perto da varanda.

Em seguida, ele senta em um banco de madeira na varanda e fica por quase duas horas observando os pássaros comerem. Ele fica quieto, com seu boné amassado encobrindo a testa, e permanece imóvel. Depois, vai a uma pequena oficina no fundo do quintal, onde se distrai construindo alguma coisa ou consertando coisas da casa, como os meus brinquedos.

Após o almoço, ele dorme por uma hora e meia. Ao acordar, pega uma sacola com os seus remédios, separa os que têm que tomar.

De vez em quando, pede para a minha mãe ler a bula, a mesma bula que o meu pai leu para ele no dia anterior. Acho que ele se esquece de que já pediu ao meu pai para ler as bulas de seus remédios e pede de novo para minha mãe.

Talvez, quem sabe, ele quer chamar a atenção de meu pai e de minha mãe.

Todo dia é esta a rotina de todos eles, exceção feita para minha irmã. Minha irmã tem uma rotina tão diferente que minha mãe diz que ela a está deixando louca.

.

Esta rotina é quebrada um pouco aos finais de semana, quando a família procura um lugar para passear.

Mas, mesmo assim, uma série de coisas acontece como rotina. Meu pai quer ir para um lugar que minha mãe não quer. Meu avô gostaria de ficar em casa e não ir a lugar nenhum, mas tem que acompanhar a família, porque não pode ficar sozinho.

Eu me divirto muito com esta situação e, quando converso com os meus amigos, vejo que na casa deles não é muito diferente.

Mas, houve um dia mágico em minha vida que eu conheci vovô.

- Mas, como assim? Vocês poderão perguntar.
- O seu avô não mora com vocês? Você já não o conhecia?

Realmente, mora com a gente há muitos anos. Mas, eu não conhecia vovô. Fui acostumado a ver aquele velhinho quieto, de passos lentos, olhos serenos, calmo e paciente, em sua rotina diária.

Mas, eu não conhecia vovô, até que um dia...

Vovô estava na oficina, concentrado em consertar o pé de uma cadeira quebrado. Ele procurava fazer um trabalho bem feito e sem pressa. Ele tinha duas preocupações – agradar minha mãe com um conserto de boa qualidade e matar o tempo até a hora do almoço.

Aproximei-me, fiquei olhando para ele observando sua concentração, sua dificuldade em levantar a cadeira pelo peso. Entretanto, pude ver que ele fazia aquilo com um semblante de grande responsabilidade. Ele sempre foi um homem sério e de responsabilidade.

Em certo momento, ele colocou sua mão sobre a minha que estava em cima da bancada de madeira. Foi uma forma de me dar as boas vindas e carinho. Olhei para ele com ternura, agradecendo com um sorriso e voltei meus olhos para a sua mão.

Pude então me concentrar em sua mão por um momento e quanta coisa ela me revelou. Eram mãos fortes, pele escurecida e envelhecida, enrugada, com muitas manchas escuras, unhas grandes e quebradiças. Em seguida olhei para a minha mão.

.

- Vovô já deve ter tido a minha idade! Conclui brilhantemente.

- E as suas mãos já foram como as minhas! Eu aprendi.

A manhã era de chuvisco e um pouco frio e procurei explorar melhor este contato com meu avô, perguntando-lhe:

- Vô, quantos anos o senhor tem?

- Eu? 78 anos!

- Puxa, 78 anos! E onde o senhor nasceu? Continuei perguntando.

- Nasci em Santa Cruz, no Rio de Janeiro, mas vim para São Paulo ainda criança, quando eu tinha um pouco mais que 4 anos de idade.

- O senhor teve irmãos? Perguntei.

- Sim, éramos quatro irmãos. Um deles já faleceu, outro mora em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro e minha irmã mora em Tatuapé, em São Paulo. Não nos vemos há muitos anos.

- Mas, por que vô? Eu quis saber.

- Perdemos o contato. Sabe como é... Cada um tem sua vida, se casa, tem os seus próprios filhos, os seus problemas e cada um corre atrás de seu destino. Eu não culpo ninguém disto. É a vida. Um dia isto também vai acontecer com você. Além do mais, estamos todos muito velhos...

- Eu nunca vou deixar de ver o senhor! Eu afirmei.

- Vamos ver, vamos ver... Você acha que a cadeira está ficando boa, sua mãe será que vai gostar?

- Com certeza, o pé da cadeira está muito bem colocado, não vai quebrar mais. Eu respondi.

- (O pé estava um pouco torto, mas achei melhor não falar nada para não magoar vovô. Afinal de contas, ele usava óculos e estava precisando voltar ao oftalmologista, mas sempre dava um jeito de não encontrar tempo...). Eu pensei.

E procurava saber mais da vida de vovô:

- Vovô, o senhor trabalhava como marceneiro? O senhor fazia armários, móveis?

- Marceneiro, eu? Quem me dera! Eu fui Advogado e Administrador. Mas, sempre gostei de trabalhar com madeiras e com plantas como passatempo.

- E por que o senhor deixou de ser Advo... e Administrador? O senhor gosta mais de consertar cadeiras e cuidar do jardim? Continuei insistindo.

- Tudo tem o seu tempo. Quando ficamos velhos, as empresas nos aposentam e procuram trabalhar com pessoas mais novas.

Ao falar isto, vovô parou o que estava fazendo e ficou pensativo, com um semblante triste. Mas, ele se animou, dizendo:

- Carlos! Agora vamos mostrar a cadeira consertada para sua mãe. Você me ajuda com ela?

Eu segurei nos dois pés da cadeira e meu avô no encosto e lá fomos nós dois, unidos, em direção à sala de jantar. Meu avô seguia com seus passos lentos e com a respiração ofegante pelo esforço. Ele parava de vez em quando para respirar, dando um discreto sorriso de satisfação para mim, como agradecendo minha ajuda. O seu rosto estava pálido. Pensei:

- Por que a gente tem que ficar velho?

Enquanto vovô recuperava o fôlego, perguntei:

- Mas, o que faz um Advo..., o que?

- Advogado Carlos. O advogado estuda as leis brasileiras para defender os direitos das pessoas e das empresas.

E eu desabafei:

- É, parece que ser marceneiro e jardineiro é muito mais divertido!

- Você não tenha a menor dúvida disto, Carlos.

Assim, prosseguimos na caminhada levando a cadeira consertada para minha mãe. E ela gostou:

.

- A cadeira ficou ótima, pai! Que bom! Muito obrigada!

Minha mãe sempre procurava dar alguma coisa para o meu avô fazer. Ela pedia para ele consertar objetos em casa. Ela pedia para ele ir à padaria ou açougue comprar alguma coisa. E vovô recebia estas incumbências com muita alegria.

E ela me explicava:

- Carlos, seu avô foi um homem muito ativo. Ele não consegue ficar parado, tem que sentir que está sempre ajudando.

E minha mãe esclareceu a tristeza que meu avô sentia:

- Era no trabalho que ele procurava esquecer a falta de minha mãe, que faleceu. Ela era sua avó que você somente conheceu nos retratos. Ele não conseguia se imaginar parado, sem sua avó como companhia.

- Ah, entendi. Coitado do vovô! Eu disse, lamentando.

Em outra manhã, eu me encontrei novamente com vovô em sua oficina e perguntei:

- Vô! O senhor me conta um pouco de sua vida, desde o tempo em que foi criança como eu até os dias de hoje?

- Mas, é uma longa história, Carlos, uma história de 78 anos. Você vai se cansar de ouvir! Mas, o que você gostaria de saber? Respondeu vovô.

- Tudo, vô... Do que o senhor brincava quando criança, se gostava de estudar, quando começou a namorar, o que o senhor fazia no trabalho... Tudo... Gostaria muito de conhecer sua vida, vovô!

- Bem, Carlos, contar uma vida toda com os detalhes que você está pedindo levaria muito tempo... E, com certeza, muitas passagens de minha vida não seriam interessantes para você nesta idade. Teremos que dividir esta história de muitos anos em vários capítulos, que poderão ser contados à medida que você crescer e avançar mais na idade... Que tal nos atermos à minha infância, com algumas incursões em minha adolescência? Respondeu vovô.

- Está bem assim, vô! Mas, quando o senhor terminar o senhor promete continuar contanto as fases seguintes? Perguntei.

- Se você não se cansar antes, eu prometo. Respondeu vovô sorrindo.

Alguns dias se passaram e aconteceu em uma tarde que vovô começou a contar a história de sua vida...

Vovô me chamou para nos sentarmos em um banquinho de madeira embaixo de um velho abacateiro que ele tinha no fundo do quintal. Vovô sempre escolhia este lugar quando queria descansar, ficar sozinho e meditar.

- Bem, Carlos, minha história de vida começa em Santa Cruz, um bairro do Rio de Janeiro, em 26 de janeiro de 1941...

- Eu nasci em uma casinha bem simples... Meu pai tinha um pequeno comércio de bar e mercearia na cidade e minha mãe o ajudava... Veja, eu tenho aqui uma foto minha de bebê e da casa onde nasci...



- Nossa, vô! O senhor era loirinho! Disse Carlos, rindo.

- Sim... E meus tios me chamavam de rato branco... Respondeu meu avô.

- Bem, continuando... O Bar e Mercearia de meu pai ficava ao lado da base área de Santa Cruz... E, naquela época, o mundo vivia uma guerra geral, com a participação do Brasil, também...

- Aconteceu que, em 1945, a guerra acabou e os americanos que ocupavam a base área voltaram para o seu país... E estes americanos eram os grandes fregueses de meu pai... Assim, o movimento do bar e mercearia caiu muito... E meus pais resolveram vir morar em São Paulo, onde eles acreditavam que toda a família poderia viver melhor...

.

- E foi nesta época que eu registrei na memória a minha primeira lembrança de criança... Eu tinha um pouco mais de 4 anos... E eu me lembro de uma viagem longa de trem... Muito longa... De muitas horas... Eu choramingava o tempo todo para minha mãe que eu queria dormir em minha cama... Que eu estava cansado... Com fome... E minha mãe procurava me distrair dizendo: "... nós já vamos chegar... nós já vamos chegar... olha as casinhas lá fora... vai contando as casinhas que aparecem na janela...". E ela contava - uma, duas, três... quarenta, cinquenta... E eu adormeci em seu colo...

- Nossa, vô! Eu não me lembro de nada de quando tinha 4 anos! Eu disse.

- Sabe, Carlos, quando uma emoção é muito forte, o cérebro grava mais na memória e gente pode se lembrar de coisas acontecidas quando éramos muito novos! Esclareceu vovô.

E vovô continuou:



*(Parque Dom Pedro em foto da época).*

- Em São Paulo, fomos morar no Cambuci... E o que eu me lembro desta fase são brincadeiras que eu fazia com os meninos vizinhos. Íamos ao Parque Dom Pedro ver os peixinhos nas águas claras e limpas de um riacho que cortava o parque... Brincar de correr, de esconde-esconde.

- E hoje, vovô, o Parque Dom Pedro é um grande estacionamento de ônibus, praças e ruas, com muitos prédios... Ninguém imagina que um dia corria um riacho com águas claras e limpas onde podia se ver peixinhos, não?

- Com certeza, Carlos... Mas, este é o preço do chamado progresso dos homens... A Natureza vem sendo continuamente destruída por conta deste tal progresso. Respondeu vovô.

- Mas, continua vovô. Posso interromper o senhor quando tiver algo para falar ou alguma dúvida? Eu quis saber.

.

- Claro que sim, Carlos. Afinal de contas, estamos conversando um com o outro.

Eu notei que vovô estava muito feliz em poder contar sua história e ver alguém interessado em ouvi-la.

- Eu e meus amigos colecionávamos tampinhas de refrigerantes e cervejas, como se fossem figurinhas... E tinha os momentos de troca como acontece hoje com as figurinhas... Algumas tampinhas eram raras, como as de produtos importados.

- Meus pais estavam lutando pela vida... Não tínhamos todos os recursos que precisávamos para viver... Assim, tive muitos momentos de privações... E algumas eu me lembro até hoje...



- Como a minha paixão pelo doce chamado “quebra-queixo”, feito com melaço de açúcar e coco em pedaços... Eu não tinha dinheiro para comprar um doce inteiro...

- E pedia ao vendedor para me vender um pedacinho pelo menos a ser pago com as poucas moedas que eu tinha... Alguns vendedores concordavam, mas, outros não, para minha tristeza.

- Vovô, por que a gente não vê mais vendedor de quebra-queixo? Agora fiquei com vontade! Perguntei.

- Tem, sim, Carlos... Mas, não é tão comum como antigamente. Em várias cidades do litoral e interior este doce ainda é muito apreciado e comum de ser encontrado. Respondeu vovô.



- Bem, continuando. E, assim, acumulei algumas frustrações de momentos... Mas, sem perder a minha felicidade e alegria de criança... Um dia, pedi a uma senhora, que comprava doce em uma padaria para o seu filho, se ela poderia comprar um doce para mim, também... Ela afastou o seu filho de mim e se recusou...

- Como criança, eu não entendi a atitude dela... E tive que controlar minha vontade de comer o doce e ver o menino desconhecido saboreá-lo sozinho. Eu nunca mais pedi nada para ninguém desde então. Descobri que o caminho não era pedir... E, sim, batalhar para conquistar meus desejos, satisfazer minhas necessidades e perseguir os meus sonhos pelos meus próprios méritos e esforços... Esta atitude desta mamãe me incentivou a ir à luta e batalhar por uma vida melhor...



- Bem, vamos em frente. Como era uma época pós-guerra, não havia pão suficiente para todos. O Governo distribuía vales para as famílias, visando limitar o consumo.

- E, muitas vezes, eu fiquei na fila do pão com o vale dado pelo Governo para conseguir um pequeno filão de pão.



- Outra coisa que eu me lembro era de ficar colado em um telefone público até cair uma linha para fazer a ligação. Aí, eu gritava para minha mãe: “Mãe, caiu a linha, corre!”. A gente tinha que girar uma manivela de vez em quando... Naquela época, estavam começando a ser instalados telefones na cidade... E somente pessoas muito ricas podiam ter um telefone em casa. Nós usávamos o telefone público disponibilizado no comércio.

- Nossa, vô. Não dá nem para imaginar uma família ficar sem telefone hoje, não? Mas, continua vovô! Disse.

- Com certeza, Carlos. A humanidade não teria se desenvolvido sem os recursos da telefonia, da Internet e tantos outros meios de comunicação que facilitaram a criação das redes sociais. Mas, no meu tempo, as conversas eram diretas, olho no olho entre as pessoas.

- Outro passeio que eu costumava fazer com meus amigos era no Parque da Aclimação. Lá, a gente podia ver um chimpanzé nervoso preso em uma pequena jaula e um leão triste e dormindo o tempo todo... Eu

sentia muita pena destes animais. Eles eram muito tristes... Mas, nós íamos lá para nadar no lago, sempre que o vigia se distraía...



*(Parque da Aclimação em foto da época).*

- E, vô! Não tinha zoológico em São Paulo no seu tempo de criança? Perguntei.

- Não, Carlos! Talvez estes animais do Parque da Aclimação foram os primeiros animais selvagens em exposição em São Paulo. Hoje o Parque da Aclimação não tem nem vestígio destas jaulas, está todo urbanizado e muito bonito. Do meu tempo de criança, restou apenas o lago. Respondeu vovô.



- Sempre motivado pelo tentador quebra-queixo, eu sempre estava à procura de ganhar alguns trocados. E, no Domingo de Ramos era uma boa oportunidade. Pela manhã, eu saía pelas casas da vizinhança pedindo caules de palmeiras. Algumas vizinhas davam com boa vontade, outras nem tanto.

*(Igreja Nossa Senhora da Glória, no Cambuci, em foto atual).*

- Estes caules eram transformados em pequenos ramos e eu me sentava na escadaria da Igreja Nossa Senhora da Glória no Cambuci - SP no Domingo de Ramos à espera dos fieis interessados. E vendia os pequenos ramos por Cr\$ 1,00 (um cruzeiro). No final da manhã conseguia reunir dinheiro suficiente para matar minha vontade de quebra-queixo por vários dias...

E de repente, vovô se cansava de contar sua história e interrompia a narração:

- Bem, Carlos. Por hoje chega. Você não tem lição de casa para fazer? O vovô vai perguntar para sua mãe se não está precisando de nada e aproveitar tomar um café. Outro dia, continuaremos...

Mas, antes de sair e como sempre o fazia, vovô olhou para o abacateiro, fixando o olhar em todos os seus galhos, folhas e alguns pequenos frutos que se formavam. Em seguida, com suas mãos calejadas, limpava o seu velho tronco, arrancando alguns parasitas que se fixavam em sua casca já muito deteriorada. Depois, batia com as mãos em seu tronco carinhosamente, como se estivesse se despedindo de sua namorada...

Vovô entrava e se retirava para o seu quarto. Ora deitava e tirava um cochilo, ora remexia em sua caixa de remédios, separando algumas bulas para mostrar ao meu pai à noite e fazer as mesmas perguntas que fizera nas noites anteriores.

Passados três dias, vovô me convidou para sentarmos novamente no banquinho de madeira embaixo do abacateiro para continuar com sua história de vida...



- Finalmente, Carlos, chegou o dia de começar meus estudos. Eu havia completado 7 anos em janeiro e havia sido matriculado no Grupo Escolar Oscar Thompson no próprio bairro do Cambuci.

*(Grupo Escolar Oscar Thompson em foto da época).*

- Eu estava muito ansioso e curioso para começar minhas aulas. Naquela manhã, antes de ir para o trabalho com meu pai, minha mãe me arrumou. Era um uniforme de camisa branca e calça curta preta.

- Após ela ter saído para trabalhar e antes de me dirigir a pé para o grupo escolar, eu fui até a rua e foi aí que...



- Um amigo meu estava estreado uma bicicleta nova que ganhara de aniversário. Eu nunca tive uma bicicleta nesta minha fase de criança e tinha muita vontade de aprender a andar. Eu pedi para este meu amigo para dar uma volta, apesar de nunca ter montado em uma bicicleta. Para minha infelicidade, ele concordou.

- Eu montei na bicicleta e sai pedalandando virando o guidão para a esquerda e direita sem parar, sem qualquer controle e conhecimento. E quando fui passar por uma poça d'água me atrapalhei e cai na poça suja, deixando minha camisa branca toda marcada de marrom da terra e minha calça preta molhada. Eu fiquei apavorado. Como poderia ir para a escola daquele jeito e minha mãe não estava em casa para me ajudar? Bem, eu tive que resolver sozinho aquela situação e urgente, uma vez que precisava ir para a escola em seguida. Fui para casa, lavei a camisa onde estava suja e a calça. E fui para a escola com o uniforme molhado mesmo...

- Este foi meu primeiro dia de aula. E foi nesta escola que eu tive o meu primeiro encantamento de vida - os estudos. Eu adorava aprender e conhecer tudo que pudesse. Logo me tornei um dos melhores alunos da classe. O Grupo Escolar Oscar Thompson estava localizado ao lado do Largo do Cambuci. Foi lá que senti, pela primeira vez, que eu era apenas mais um aluno na escola, que mais parecia um quartel. O prédio era antigo, muito austero, salas com portas altas, disciplina severa, professoras que davam reguadas nos alunos que não sabiam fazer contas na lousa. Eu tinha uma professora que não admitia conversas e distrações na aula. E ela tinha um anel com uma saliência. Quando ela pegava algum aluno conversando ou distraído, ela simplesmente se aproximava e dava um coque com o anel na cabeça do aluno indisciplinado. Era doído e a gente ficava com vergonha e, claro, não conversava e nem se distraía mais na aula. Eu levei um coque desta minha professora uma vez... E doeu!

.

- A escola não fornecia merenda para os alunos naquela época. E quem quisesse deveria levar um lanche para comer no recreio. Quando minha mãe estava em casa, ela preparava algum lanche para eu levar. Quando não estava, eu não levava nenhum lanche. Quando os colegas perguntavam sobre a falta do meu lanche em alguns dias eu simplesmente respondia que não estava com fome. Mas, confesso que ficava com inveja dos meus amigos enquanto comiam os seus gostosos lanches...

E Carlos interrompeu:

- Puxa, vô! Eu não sabia que o senhor tinha sofrido tanto quando era criança!

E vovô respondeu rindo:

- E quem falou para você que eu sofri? Crianças, Carlos, têm a proteção de Deus. Elas não têm consciência do que é ser pobre ou ser rico. Nestas horas de privações elas ficam surpresas, às vezes tristes e sem entender direito os motivos de como as coisas que acontecem. Mas, logo voltam às suas brincadeiras e à sua alegria... Basta ver a alegria das crianças nas favelas brincando, rindo, sem noção das privações que passam... Ou as crianças nos campos de refugiados de guerra... E, assim, era comigo. Eu podia ficar surpreso, até triste com algumas situações... Mas, alguns minutos depois, eu voltava a ser a mesma criança... Posso lhe garantir que eu era um menino muito feliz e muito cheio de sonhos e fantasias...



*(Minha turma, minha professora do anel do castigo e o diretor da escola. Eu sou o 4.º aluno da fila de cima, da direita para a esquerda).*



- Para falar a verdade, uma frustração que levei destes dois anos que estudei no Grupo Escolar Oscar Thompson foi que eu não tinha dinheiro para comprar o sorvete na saída da escola, como fazia a maioria de meus colegas todos os dias... Isto a vida ficou me devendo...

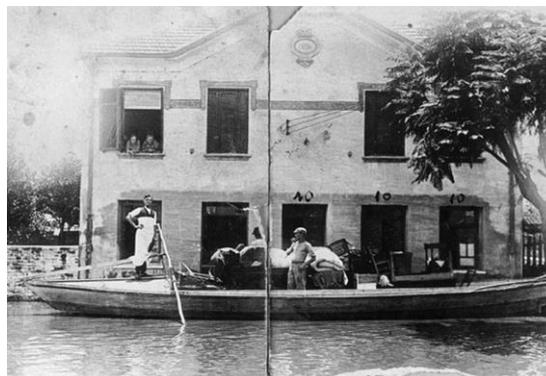
- Ah! É por isso que o senhor manda a gente fazer as taças de sorvetes mais bonitas e grandes todas as vezes que vamos à sorveteria? E vovô respondeu assim, achando graça de minha pergunta:

- Carlos, eu nunca havia pensado nisto! Talvez seja por isso sim, Carlos. Talvez seja uma forma que minha mente encontrou para eliminar minha frustração da infância!

- Vô, o senhor falou que ficou neste grupo escolar por apenas dois anos. Mas, por que isto aconteceu? Eu perguntei. E vovô explicou:

- Carlos, duas coisas estavam incomodando muito meus pais. A primeira era que os quatro filhos não tinham quintal para brincar, além da casa onde morávamos ter pouco espaço. A outra, as constantes enchentes que ocorriam no bairro do Cambuci.

- Houve diversas ocasiões que eu tive que voltar da escola com água até a altura da cintura e para não molhar meus cadernos eu levava meu material escolar em cima de minha cabeça...



*(Enchentes no bairro do Cambuci. Em algumas enchentes as águas levavam vários dias para abaixar e tudo voltar ao normal).*

.

- Então, meus pais se mudaram para o bairro do Jabaquara, em uma casa maior um quintal bem grande. E todos nós ficamos contentes nesta casa.



- E, assim, meus pais me transferiram para o Grupo Escolar Almirante Barroso, no Jabaquara, para eu continuar o 3.º ano do curso primário.

- No início eu estranhei muito. Eu sentia a falta de meus colegas do Grupo Escolar Oscar Thompson e até da minha professora com o anel grande e dolorido.

- Mas, uma coisa que eu gostei muito neste novo grupo escolar foi o fato de ter merenda escolar! Assim, eu podia comer todos os dias, sem ter que trazer lanche.

- O único problema era que a merenda era racionada. Você não podia repetir. Às vezes, quando serviam canjica, eu gostava tanto que pedia para a atendente colocar um pouco mais depois de eu ter comido. Mas, ela dizia que não podia... E eu tinha que controlar a minha vontade...

- Antes do início da aula e diariamente, a professora pedia para que cantássemos um dos hinos da pátria... Ou era o Hino Nacional, ou o Hino à Bandeira, entre outros.

- E foi na nova casa no Jabaquara, Carlos, que o vovô encontrou o seu segundo encantamento - a Natureza!

- Nesta casa eu tive contato com plantas e alguns animais, despertando minha paixão para a Natureza. Eu me dedicava totalmente aos estudos e aos animais que eu tinha. Eram meus principais amigos...



- As galinhas me conheciam e, quando eu entrava no galinheiro, elas vinham ao meu encontro para ver se tinha algo para comer ou, simplesmente, receber um carinho meu...



- Eu levava a cabra e seus dois filhotes para pastar nos campos que havia no bairro e brincava com os filhotes. Eu gostava de bater minha cabeça com a cabeça do pequeno bode... Até um dia que ele me deu uma cabeçada tão forte que quase eu desmaiei. Aí, não brinquei mais...



- Uma visita constante era a dos meus primos Kiquinho e Anita. Na foto, aparecem meu irmão Paulo, eu, meu irmão Toninho e minha irmã Nenê... Foram momentos muito alegres e felizes da minha infância...

- Com um quintal grande, meu pai, como bom português, gostava de plantar e fazer sua horta. Na foto, meu querido e saudoso pai com todos os seus filhos...

- Além das galinhas e das cabras, eu tinha tartaruga e cachorro...

- E tínhamos várias árvores frutíferas no quintal e eu comecei a entender um pouco de plantas e me apaixonar por elas...



- Um dia, eu vi aparecer na bananeira uma flor enorme vermelha. Eu não sabia o que era aquilo. Com os dias passando, a flor começou a abrir e dentro de suas pétalas tinham cachos pequenos de banana...

Eu fiquei maravilhado com isto e pensava que os cachos apareceriam atrás das pétalas até o chão...

- Mas, não. Depois de algumas pencas de banana, as pétalas da enorme flor continuavam abrindo e mostrando pequenos cachos de banana, mas, os últimos não mais se desenvolveram e caíam no chão... Para mim, isto foi mágico.



- Um dia eu notei que uma pombinha tinha feito um ninho bem em cima do cacho de banana. Depois, colocou dois ovos e chocou, nascendo dois filhotes... Eu acompanhava o crescimento destes filhotes todos os dias.

- E ficava apavorado do meu pai cortar o cacho para tirar as bananas e o ninho cair...

- Mas, os pombinhos foram embora com os seus filhotes bem antes das bananas amadurecerem para o meu alívio...



- Aos 10 anos eu montei um carrinho de mão e fui fazer carroto na feira para ganhar alguns trocados... E eu conseguia algumas moedas que davam até para comprar um quebra-queixo inteiro de vez em quando. Mas, não eram todas as donas de casa que pagavam...

- Um dia, uma mulher me fez andar quilômetros com o carrinho carregado com suas compras na feira até sua casa e, quando chegou lá, ela me pagou com uma banana... Bem, eu comi a banana, enquanto descansava meus braços doloridos e não voltei mais a fazer carroto na feira... Além disto, estava se aproximando o tempo de ir para a escola.

- E foi em um destes dias na feira que eu cometi um grave erro...

.





Eu nunca havia comido uma maçã em minha vida. E eu tinha muita vontade de experimentar esta fruta. Achava a cor vermelha bonita, parecia muito gostosa. E, passando por uma banca eu não resisti à tentação e furtei uma maçã...

- O feirante viu e me deu um tapa tão forte no ouvido que eu perdi um dos meus tímpanos... Eu caí no chão, levantei-me, não chorei, apenas olhei para ele assustado não entendo muito porque ele tinha feito aquilo comigo (eu tinha 10 anos...) e devolvi a maçã... Nunca mais eu furtei alguma coisa em toda a minha vida... Foi uma dura e sofrida lição!

Neste momento, eu não consegui esconder uma lágrima que saia de meus olhos e vovô percebeu:

- Que foi, Carlos? Por que você está chorando? Vovô perguntou.

- Ah, vô! Eu acho que o homem não precisava fazer isto com o senhor! O senhor era apenas uma criança e não sabia a gravidade do que estava fazendo! E o senhor? Sarou de seu ouvido? Perguntei.

- Carlos, este é um exemplo das artes que a gente fazia de criança. Não precisa ficar triste. Quando ao meu ouvido, não, não sarei! O tímpano perfurado me lembra daquela maçã até hoje e perdi um pouco a audição do meu ouvido esquerdo! Mas, tudo bem! Respondeu vovô. Mas, vamos em frente. Foi uma dura lição. Se justa ou não, uma vez que eu era uma criança, vamos deixar para Deus julgar. Mas, isto me serviu de lição para toda a vida.

- E eu penso: Se eu tivesse sido bem-sucedido, será que eu não tenderia a repetir estes pequenos furtos? Assim, de certa forma, foi bom o tapa na orelha que recebi! Sabe, Carlos, todas estas privações da minha infância na verdade foram a minha força para estudar muito, lutar e me esforçar para progredir na vida! Respondeu vovô rindo.

- E o senhor, vovô? Depois o senhor comeu sua tão desejada maçã? Perguntei.

.

- Sinceramente, Carlos, eu só fui experimentar uma maçã na fase adulta de minha vida. E confesso que, até hoje, não é minha fruta preferida. E como maçã muito raramente... Muito raramente...

E vovô continuava contando suas aventuras de criança, até que chegou ao seu primeiro carro - um carrinho de rolimã!



- Carlos, uma diversão muito comum na minha época de infância era andar e dirigir um carrinho de rolimã. Todas as crianças queriam ter um para brincar e apostar corrida. E eu fiz o meu carrinho de rolimã, também. E me diverti muito com ele. Porém, um dia, eu coloquei meu carrinho de rolimã em uma ladeira...

- Ele pegou velocidade e eu pensava que o breque de mão poderia pará-lo... Mas, que nada! A velocidade aumentava, eu comecei a perder a direção, virava a frente do carrinho para a esquerda e direita, esquerda e direita, esquerda e direita... O carrinho ficou fora de controle. Até que dei uma trombada em um muro... Eu me machuquei muito, principalmente nas pernas... E isto foi o fim de minha carreira de piloto!

Eu ria destas peraltices de vovô... Ele poderia ter se ferido gravemente nesta corrida maluca pela ladeira... Eu nunca vi um carrinho de rolimã. Parece que as crianças de hoje não brincam mais disto...

E com a história do carrinho de rolimã, vovô encerrava o capítulo da história de sua vida naquele dia... Saiu para ver suas plantas, dar um pouco mais de quirera para os passarinhos, reforçar o comedouro com banana e mamão e depois se retirou para o seu quarto. Ele gostava muito de ficar sozinho horas e horas pensando na vida...



- Eu me lembro de uma ocasião, Carlos, em que quase morri afogado. Eu e meus amigos não tínhamos opção no bairro onde morávamos de algum lugar para nadar.

- E, um dia, descobrimos um lago grande e abandonado pertencente a um clube que não funcionava mais.

- Era o Lago das Carpas, a alguns quilômetros de onde eu morava. A água era limpa. No meio do lago tinha uma plataforma redonda onde antes havia um trampolim.

- Meus amigos nadavam até lá e, de cima desta plataforma, mergulhavam. Eu não sabia nada muito bem. Eu aprendi apenas o nado chamado 'nado cachorrinho'. Este nado gasta muito energia e você nada com baixa velocidade.

- Em uma destas tardes, eu resolvi fazer o que os meus amigos faziam - ir até a plataforma no meio do lago. E lá fui eu com o meu 'nado cachorrinho'... E a gente parecia um cachorrinho nadando, mesmo... Em direção da plataforma. Cheguei lá sem fôlego e pensava em descansar. Porém, eu não alcancei a borda da plataforma para subir em cima. Meus dedos raspavam na parede, mas eu não consegui subir. Eu afundava, bebia água... E não tive outra opção senão a de tentar voltar para a margem do lago. E foi um sacrifício muito grande. Eu vim com muita dificuldade, continuava afundando e bebendo água. Mas, consegui chegar até a margem do lago. Apavorado, sem fôlego, muito cansado.

- Até hoje, Carlos, eu tenho medo de água. Não entro em piscina, quando vou à praia me limito a ficar bem na beira da água... Este susto me marcou por toda minha vida...

- E vô, sua mãe não ficou brava? Perguntou Carlos.

- Carlos, eu via muito pouco meus pais... Muito pouco... Os dois trabalhavam juntos no comércio que eles tinham - ora bar, ora bar e bilhar, ora restaurante... Eles estavam na luta pela vida... A gente se via um pouco à noite...

- Mas, eu e meus irmãos tivemos, sim, momentos de castigos... Como todas as crianças... Eu me lembro do meu pai... Ele era português e raramente tinha que nos corrigir de alguma indisciplina... Mas, quando isto acontecia, ele pedia para os quatro estenderem as mãos voltadas para cima e dava uma tamancada... Doía... Mas, era uma tamancada só...

-- Já minha mãe era mais de ficar brava, gritar, mas, não tinha o hábito de bater... Eu me lembro de um dia que ela tinha tudo para ficar muito brava comigo, mas teve uma atitude, digamos, de piedade e compreensão. Ela fazia a sopa preferida de meu pai... Sopa de feijão batido, nabo, folhas de couve e linguiça portuguesa... E eu peguei um termômetro e cismeie de verificar a temperatura da sopa que fervia no fogo... Coloquei o termômetro,

esperei um pouco e, quando tirei, nos meus dedos estava somente a pontinha do termômetro. O resto quebrou, caindo dentro da sopa com vidros, o mercúrio do termômetro e tudo... Ela olhou para mim, ficou triste, mas limitou-se a jogar a sopa fora e improvisar outra coisa para comer.

Uma tarde, quando vovô me convidou para eu me sentar no banquinho embaixo do abacateiro para continuar suas histórias, eu perguntei:

- Vô! Por que o senhor gosta tanto deste abacateiro?
- Carlos, este abacateiro me faz voltar aos tempos de criança e ao convívio com meu saudoso e querido pai.

E vovô contou um momento importante de sua vida de crianças:

- *Teve um dia, que eu me lembro muito bem, em que ouvi uma história de meu pai comparando a gente com planta. Foi muito interessante e, a partir daquele dia, nunca mais consegui olhar para uma árvore sem deixar de lembrar nesta história.*
- *Meu pai, como fazia de vez em quando, estava podando alguns galhos de hibisco vermelho, uma florzinha muito apreciada pelos beija-flores pelo néctar que produz.*

*Como sempre, eu interrompi o que ele fazia com minhas perguntas:*

- *Pai, por que o senhor gosta tanto de plantas?*
- *É porque plantas não fazem perguntas!*
- *Ah, pai! Magoei! Respondi, fingindo que não gostei.*
- *Estou brincando com você Duda. Gosto das plantas porque elas são as nossas irmãs.*
- *Irmãs, como assim? Perguntei curioso.*
- *Elas são nossas irmãs, sim. E não estou me referindo apenas porque elas nos fazem companhia, nos fazem bem, purificam nosso ar, dão frescor à nossa casa, embelezam nossas vidas com suas flores e cores, exalam o perfume de suas flores. Na verdade, as plantas se parecem muito conosco!*
- *Mas, pai! Eu não estou entendendo nada. O senhor quer dizer que as plantas se parecem com a gente? Perguntei, duvidando.*

- *É verdade, sim. Vamos falar de irmãs árvores. Veja este abacateiro do quintal. Vamos compará-lo com a gente. As raízes são como os nossos intestinos. Elas retiram da terra a água e os nutrientes que o abacateiro precisa, depositando estes nutrientes na seiva. Os nossos intestinos retiram os nutrientes dos alimentos e os depositam no sangue.*

- *A seiva da planta corre pela casca e todas as partes da planta para dar a cada célula vegetal água e nutriente que precisa. O nosso sangue corre todo o corpo para dar a cada célula orgânica a água e os nutrientes que precisamos. A casca do abacateiro é como nossa pele. Se você tirar um pedaço forma uma ferida e esta se cicatriza. A pele humana é a mesma coisa. Quando nos machucamos forma uma ferida e esta se cicatriza com o tempo.*

- *O abacateiro respira através das folhas e nós os humanos respiramos através dos pulmões. O abacateiro gera flores uma vez por ano e nossas mães geram óvulos uma vez por mês.*

- *Quando a flor do abacateiro recebe o pólen de outra flor de abacateiro trazido pelas abelhas e borboletas, ela fica polinizada e começa a gerar um fruto, que é o abacate. Quando o óvulo da mulher recebe uma semente do homem ele fica fecundado e a mulher começa a gerar um fruto que é um bebê.*

- *O abacateiro para em pé porque tem um tronco, uma madeira em seu interior que o segura e que sustenta o seu peso. Nós paramos em pé porque temos os ossos. Os ossos nos seguram e sustentam o nosso peso. A madeira do abacateiro é como os nossos ossos. Viu quanta semelhança? O abacateiro é nosso irmão ou não?*

- *Puxa, pai! Pensando nisto tudo acho que sim! Mas, só falta o senhor falar que o abacateiro tem sentimentos, cérebro e coração também! Perguntei, desafiando meu pai.*

- *Duda, uma espécie de coração ele tem sim. A seiva é empurrada para a parte de cima por movimentos de contração da planta, que é o mesmo que o coração faz.*

- *Muitas pessoas acham que as plantas têm sentimento. Você nunca viu na televisão reportagens de plantas que se desenvolvem mais quando os donos conversam com elas? Agora, cérebro eu ainda não descobri onde fica, mas, será que uma árvore não tem cérebro mesmo? Finalizou meu pai rindo.*

- *Eu só sei que, depois desta explicação do meu pai, eu comecei a olhar para todas as plantas com muito mais respeito e consideração do que antes. Nossa! Quanta semelhança entre uma planta e um ser humano, não é mesmo? Encerrando esta comparação entre uma árvore e um ser humano, o meu pai, pegando algo no chão disse:*

- *Duda, você está vendo este caroço de abacate? Veja que maravilha da natureza! Nesta grande semente, em forma de bola, estão gravados todos os caracteres de um futuro e frondoso abacateiro. Este caroço representa o milagre da criação e da multiplicação do abacateiro. Entretanto, para que isto se torne realidade, ele precisa ser plantado e geminar. Porque você não o planta?*

- *Eu, pai? Eu nunca plantei nada! Respondi.*

- *Então, esta é uma grande oportunidade. Você pode plantar árvores pelos mais variados motivos. Um deles, por exemplo, em homenagem às pessoas que você gosta e que quer se lembrar por toda a vida!*

- *Pai! Então vou plantar este caroço de abacate em sua homenagem! Como devo fazer? Respondi.*

- *Pegue um saquinho vazio de leite e coloque terra dentro. Depois, você faz um buraco no centro do saquinho e enterra o caroço de abacate. Pronto! Agora é só regar com um pouco d'água uma vez ao dia e esperar!*

*Eu fiz conforme meu pai falou e foi uma experiência muito boa. Após algumas semanas, uma pequena e frágil haste nasceu do meio do caroço, e foi crescendo. E folhas começaram a nascer ao redor da haste. Era um pequeno pé de abacate que ganhava vida.*

*Depois de algumas semanas, já bem crescido, eu plantei ao lado do velho abacateiro. Depois brinquei com meu pai:*

- *Pai, o velho abacateiro é o senhor. O novo sou eu!*

*Ele riu. Todos os dias eu acompanhava o crescimento do jovem abacateiro. Um dia, o velho abacateiro morreu... Como morreu meu pai...*

- *E por isso, Carlos, que este abacateiro tem uma importância muito grande para mim!*

.

- É sob sua sombra que eu busco refúgio quando estou com saudades de meus pais, estou triste ou preocupado com alguma coisa. É como se a alma e o espírito do meu pai vivessem nele. Eu sinto meu pai conversar comigo e, como fazia, me dando conselhos para resolver um problema ou saber lidar com uma situação de momento.



- O abacateiro original já morreu. Este é uma brota que nasceu de suas raízes ainda vivas sob o solo. No total, já são mais de 60 anos de vida e de amizade entre eu e este meu amigo abacateiro e milhares de abacates produzidos!

Por um momento vovô calou-se, ficou assim um bom tempo, olhando para o abacateiro pensativo...



- E que tal, Carlos, você plantar também um caroço de abacate em um saquinho de leite e, depois de crescido, o plantar ao lado do meu abacateiro. Lembre-se que um dia este abacateiro também morrerá...

E eu pensei triste: como morrerá meu querido vovô, também, um dia!

E fiz como o vovô me recomendou. Plantei um caroço de abacate em um vaso... Era uma nova e longa amizade que nascia...

Confesso que, todos os dias, eu ficava ansioso para ouvir a continuação das histórias do vovô. E todas as vezes que ele estava disposto a conta-las, lá ia eu sentar ao seu lado em baixo do seu querido abacateiro...

E vovô lembrou-se de uma rotina no abacateiro plantado pelo seu pai:

- Carlos, algo que eu fazia com relativa frequência era subir no abacateiro para estudar. Isto mesmo, estudar! Principalmente, nas vésperas de provas ou chamadas orais. Em cima do abacateiro do meu pai eu encontrava a paz e o silêncio que precisava para estudar. E eu gostava e estudava muito...

- Era uma forma de ficar livre por uns instantes de minhas galinhas, das cabras, do cachorro, que sempre me procuravam quando eu andava pelo quintal da casa, à procura de atenção e carinho meus!

E do baú de lembranças de vovô de sua infância, ele recordou-se de um fato que o deixou profundamente triste:

- Carlos, eu estava muito feliz com o paraíso que criei na casa com quintal grande. Tinha várias galinhas, a cabra com seus dois filhotes, a tartaruga, o cachorro, minhas plantas, os pássaros que vinham comer as frutas. Enfim, depois de minhas aulas, era no quintal de casa que eu encontrava a minha felicidade. Porém, houve um dia em que tudo isso acabou!

- Como, assim, vovô? Acabou? Mas, por que se o senhor e seu pai gostavam tanto de plantar? Perguntei.

- Pois é, Carlos. Foi daqueles momentos em que o progresso dos homens culmina com o fim da natureza. Meu pai construiu uma casa nova e própria. E tivemos que nos mudar para lá, no mesmo bairro. E, na casa nova, não havia mais lugar para os meus queridos animais. E foi em um dia muito triste de minha vida que minha mãe disse:

- Duda, precisamos nos desfazer da criação. Principalmente, as galinhas e a cabra com seus dois filhotes. Nós vamos nos mudar para a casa nova e lá não podemos ter estes animais!

.

- E eu perguntei: Mas, mãe! O que vamos fazer com as galinhas e a cabra e seus filhotes?

- As galinhas nós vamos vender para o homem da quitanda... E as cabras e os dois filhotes, vamos procurar alguém que tenha um sítio e que esteja interessado neles. Você poderá levar para a casa nova somente a tartaruga e o cachorro. Respondeu mamãe.

- Mas, mãe! O que vão fazer com as minhas galinhas na quitanda? Perguntei aflito.

- Bem, Duda, galinhas são criadas para serem comidas pelos homens! Respondeu mamãe sem maiores sutilezas.

.



- Neste momento, eu abracei as duas galinhas que mais gostava e comecei a chorar... Mas, não teve jeito. O dia em que elas foram colocadas no engradado para serem levadas para a quitanda foi muito triste para mim. Todos os dias, eu passava pela quitanda para ver minhas galinhas no engradado da quitanda. Elas se aproximavam de mim, como dizendo: tire-nos daqui!

- Mas, uma a uma elas foram desaparecendo... Como foram desaparecendo os meus sonhos criados neste meu primeiro paraíso...

- A cabra e os dois filhotes tiveram um destino melhor. Elas foram compradas por um senhor que tinha um sítio grande e os levou para lá...



- Isto me deixou mais aliviado pelos meus três grandes amigos!

E, assim, os dias se passavam em nossa rotina na casa... Até que, uma tarde, vovô me chamou para dar continuidade à sua história...

- Carlos, hoje eu vou contar um pouco do meu terceiro encantamento: o mundo espiritual e religioso. E tudo começou com a minha primeira comunhão...



- Tão logo em comecei minhas aulas no Grupo Escolar Almirante Barroso no terceiro ano do primário, eu participei do catecismo para fazer minha primeira comunhão. Naquela época, as próprias professoras organizavam a cerimônia da primeira comunhão junto com as igrejas do bairro.

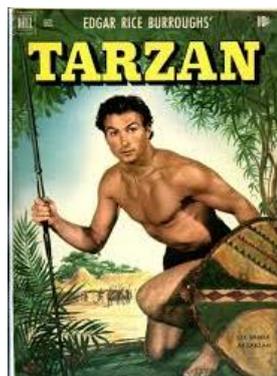
- Eu comecei a participar das aulas de catecismo no salão paroquial da Igreja São Judas Tadeu, no Jabaquara. As aulas eram ministradas pelo rigoroso Padre Clemente.

- Ele ensinava o catecismo e depois passava filmes que a garotada gostava de assistir. Mas, tinha um probleminha... A cada início de aula, o Padre Clemente tomava o catecismo fazendo perguntas.
- Quais são os 10 mandamentos? Quais são os pecados capitais? Entre tantas outras. Quem não soubesse responder ficava de castigo na frente do salão paroquial e não podia assistir ao filme...
- Um dia, o Padre Clemente circulou entre as fileiras de bancos, olhou para lá e para cá escolhendo uma criança... E ele fitou os olhos em mim. Procurei abaixar a cabeça, mas, ele me viu e disse: Você, quais eram os três reis magos?
- Eu levantei assustado e respondi: Baltasar, Gaspar e...
- Eu não me lembrava do terceiro... Fiquei assustado, meus olhos se arregalaram... E o Padre Clemente foi inclemente:
- Vá lá para frente e estude melhor o catecismo!
- Melchior havia me traído e eu não me lembrava do seu nome...
- Lá fui eu, envergonhado, para frente do salão paroquial, sentindo perder o filme daquela tarde...
- Mas, como sempre o fazia, no final do catecismo, o Padre Clemente perdoava todos os castigados e ordenava que se sentassem para assistir ao filme...



- E falando em filme, Carlos, a minha diversão de todos os domingos à tarde era assistir as matinés do Cine Maringá no Jabaquara.

- Eu me divertia demais com os filmes O Gordo e o Magro, do Tarzan, da Nyoka, a Rainha da Selva...





- Outro passeio que eu fazia pelo menos dois domingos por mês, era no Jardim Botânico de São Paulo.
- Um lugar lindo, onde eu podia me encontrar e sentir todo o esplendor da Natureza...
- Ora eu ia sozinho, ora com meus amigos, ora com a turma do Ginásio Jabaquara para um divertido e animado piquenique.
- E, até hoje, sempre que posso e acontecer de eu estar em São Paulo, eu aproveito para visitar este lindo lugar e matar a saudade do meu tempo de criança...
- E, assim, Carlos, estes foram os dias de minha infância...
- Mas, temos muito a conversar ainda. Agora, vou descansar... Disse vovô.

Ele parecia saudoso, quase triste, lembrando-se destes seus dias de infância. Talvez, ele quisesse que esses dias nunca tivessem terminado...

Eu voltei à minha rotina de escola e de brincadeiras com os meus amigos. No vaso, o meu pequeno pé de abacate começava a nascer. Um dia, ele substituirá o velho abacateiro de vovô, pensei...

.

Uma tarde, depois que vovô tirou o seu costumeiro soninho após o almoço, voltei a procurá-lo e fomos junto à padaria para comprar pão para o café da tarde.

Enquanto caminhava, pensava em quantas coisas eu havia aprendido sobre vovô. Mas, eu continuava com minha bateria de perguntas:

- Vovô, do que o senhor brincava quando era criança?
- Ah, eu vivi em uma época muito diferente da sua. No meu tempo não tinha a violência que tem hoje. Também não tinha shopping, parques infantis, clubes, lojas de brinquedos onde as crianças pudessem brincar ou visitar. Pelo menos não tinha para mim! Assim, nossas brincadeiras de crianças eram todas na rua e nos campinhos de futebol.
- Mas, do que vocês brincavam? Eu insisti.
- Nossa! De muitas coisas. Quando não jogávamos futebol, as brincadeiras eram várias. Tinha a brincadeira de jogar bafo, com figurinhas da época. Colecionar figurinhas era muito comum e era uma verdadeira mania entre as crianças. Eram figurinhas de animais, jogadores de futebol, entre outras. As crianças que colecionavam figurinhas jogavam o bafo. Nesta brincadeira, cada uma colocava algumas figurinhas, em partes iguais, viradas de cabeça para baixo e decidiam quem começaria pelo par ou ímpar. Um começava, depois era a vez do outro. Fechando a mão em concha, o primeiro jogador batia no montinho de figurinhas tentando virá-las para cima. Quem conseguia, ficava com as figurinhas viradas para cima. Depois, jogava o outro até que o montinho se acabasse. O vovô era um grande jogador de bafo. Muitas vezes, eu conseguia virar o montinho de figurinhas inteiro, para desespero de meus amigos!
- Que barato! Quando eu tiver figurinhas, vamos jogar bafo? Eu respondi entusiasmado.
- Claro que vamos, mas prepare-se para perder!
- Que mais vovô, que mais o senhor brincava?
- Ah, de bicicleta, de patinete, de fazer cidadezinhas de barro.
- Cidadezinha de barro? Indaguei curioso.
- .

- É! Eu gostava muito de brincar de fazer casinhas, igrejas, escolas, carrinhos de barro que encontrava próximo de uma mina de água no campinho de futebol. Eu e meus amigos amassávamos a argila, fazíamos uma bola redonda, depois íamos batendo com um pedaço de madeira chata até dar a forma de casa ou outra coisa que queríamos.

- Depois de dar a forma, pegávamos um palito de fósforo e riscávamos as janelas e portas. Depois, a gente deixava as casinhas secarem ao sol. Várias crianças se juntavam e cada uma trazia as suas obras. Assim, uma grande e bonita cidade era construída com o barro. Depois da brincadeira, todos levavam as suas pequenas construções para casa.

.  
- Puxa, devia ser legal fazer isto! Vô, conta mais, conta mais! Eu pedia com entusiasmo.

- Bem, tinha as brincadeiras de esconde-esconde, pega-pega, empinar quadrado, cobra-cega, pula-sela, de roda, de garfo, bolinha de gude, carrinho de rolamentos, de ordem, escravo de Jó, passa-anel, barra-manteiga, pula-corda, jogo de taco, amarelinha, cama de gato, fazer aviõezinhos de papel. Estas são as que eu mais me lembro.

- Nossa vô, quantas brincadeiras. Mas, não sei do que o senhor está falando para a maioria delas!

- Eram todas brincadeiras, como falei, nas ruas e nos campinhos, quando a gente se juntava com outras crianças. O esconde-esconde a gente vê as crianças brincarem até hoje. Um ficava com a cabeça encostada em um árvore ou poste, com os olhos fechados, contando até dez até que os outros se escondessem. Depois de contar até dez, ele saía à procura e quando descobria o esconderijo de outra criança esta ia para o poste ou para árvore fazer a mesma coisa. A brincadeira de pega-pega é quase a mesma coisa, só que uma criança tinha que pegar a outra. Aí, esta ia ao poste ou a árvore repetir a contagem e a brincadeira.

- E a brincadeira de cobra-cega?

- Esta era divertida. Um menino, escolhido pelo grupo, começava como cobra-cega. Ele tinha os olhos vendados por um pano e não enxergava nada.

- Ficava com os braços levantados para frente, tentando tocar nos outros colegas que ficavam girando em sua volta. Quando ele conseguia tocar em algum amigo, este virava a cobra-cega. A cobra-cega tinha que se

deslocar devagar e, muitas vezes, os amigos se aproximavam bem perto dele, quase encostando, e ele não percebia.

•  
Na volta da padaria, eu e o vovô nos sentamos em um banco de uma pequena praça e continuamos nossa conversa.

Percebi como os seus olhos brilhavam e o seu rosto se irradiavam de alegria à medida que ele avançava contando suas histórias. E não vimos o tempo passar.

- Vovô, e a brincadeira de pula-sela como é? Perguntei.

- Esta fazia as crianças se cansar bastante e praticar exercícios. Um voluntário se oferecia para ser o primeiro pula-sela. Ele abaixava a cabeça e o corpo, colocando as mãos nos joelhos e ficava imóvel. Os amigos, as crianças, pulavam o pula-sela um seguido do outro, apoiando as duas mãos nas costas do pula-sela e saltando com as pernas bem abertas sobre o corpo do pula-sela.

•  
- O último ficava como pula-sela, até que todos ficassem também. A brincadeira só acabava quando todos se cansavam.

- Vovô Duda, esta brincadeira de roda eu já ouvi falar, mas como era no seu tempo?

- Carlos, esta brincadeira era a que a gente mais gostava porque envolvia as meninas. E os meninos ficavam alegres quando podiam brincar com as meninas. Formava-se um grande grupo de crianças, 10, 12, 15, e todas davam as mãos, formando uma grande roda e cantavam as cantigas de roda. Brincar de roda era a brincadeira que, geralmente, avançava mais na noite e era a brincadeira em que os meninos e as meninas começavam namoricos de crianças, procurando dar as mãos para a parceira que mais gostava. Tempos bons! Até hoje eu me lembro da Clara e Simone. Elas não sabiam, mas foram minhas namoradinhas na minha imaginação.

E vovô continuou:

- Deixa-me ver se eu me lembro de alguma. Era algo assim: *Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar, vamos dar a meia volta, meia volta vamos dar. O anel que tu me deste era vidro e se quebrou. O amor que tu me tinhas era pouco e se acabou.*

E vovô se empolgou:

- Mas tinham outras, como: *Teresinha de Jesus, uma queda foi ao chão, acudiram três cavalheiros, todos três com chapéu na mão. O primeiro foi seu pai, o segundo o seu irmão, o terceiro foi aquele que Teresa deu a mão.*

E vovô não parava mais:

- Quer ouvir mais uma? *Se esta rua, se esta rua fosse minha. Eu mandava, eu mandava ladrilhar. Com pedrinhas, com pedrinhas de brilhantes. Para o meu, para o meu amor passar.*

Eu escutava atento o meu avô cantar, com ar de encantamento e me transportava para o passado longínquo de meu avô. As histórias de vovô foram interrompidas com a presença de minha mãe.

Ela já estava assustada com tanto demora.

- Eu preocupada com vocês e vocês conversando até esta hora na praça! Disse mamãe fazendo um ar de zangada.

Meu avô ficou muito embaraçado e se apressou em pegar o saquinho com os pães e se por em marcha de volta para casa. Esta tarde o café saiu quase ao escurecer.

- Vô, vamos falar outro dia sobre as brincadeiras que faltou você falar?

- Está bem, vamos. Mas, dentro de casa senão sua mãe vai ficar brava comigo!

·  
À noite, enquanto jogava brinquedos eletrônicos em meu computador, ficava pensando nas histórias e nas brincadeiras do meu avô. E eu pensava:

- (Nossa! Vendo hoje meu avô tão sério e envelhecido, como podia imaginar que ele brincava de roda, pula-sela, cobra-cega e outras coisas!).

Eu comecei a ficar um grude de meu avô e assim que voltava da escola procurava por ele.

- Oi vô, que está fazendo?

Abraçava-o e lhe dava um beijo no rosto. Enquanto ele ia para o seu sono da tarde, eu seguia para o meu quarto fazer a lição de casa.

·

- Mãe, o vovô me contou algumas brincadeiras que fazia quando criança. Por que as crianças não brincam mais hoje deste jeito?

- Carlos, os tempos mudaram. Muitas coisas mudaram para melhor, outras para pior. Na época de seu avô, as cidades eram pequenas, a maioria das casas era térrea, as ruas eram sossegadas, tinha poucos carros nas ruas e, principalmente, se vivia sem violência. Hoje, as cidades cresceram muito, a maioria das pessoas vive em apartamentos, as ruas não são mais para as crianças, são para os carros e ônibus. Os bandidos estão por toda a parte. Os hábitos foram mudando. A sociedade criou outras formas de diversão para as crianças, como os parques infantis, os shoppings, os cinemas, os clubes e, principalmente, a televisão e computador. Em algumas cidadezinhas do interior aonde o tal progresso não chegou, você ainda vê muitas crianças brincarem da mesma forma como o seu avô brincava. Neste aspecto foi uma pena que a vida mudou. Mas, o que se há de fazer, não?

De vez em quando, vovô se aproximava de mim quando eu estava fazendo a lição ou lendo um livro solicitado pela professora.

E eu desabava para ele:

- Ai, vô! Por que a gente tem que estudar tanto? Eu não gosto de ler livros, demora muito!

- Carlos, não há outra forma de vencer na vida e apreciar as verdadeiras belezas da natureza sem o conhecimento. Estudar é preciso. Para muitas crianças não é gostoso, mas é preciso, é um trabalho, uma obrigação. O conhecimento vai lhe abrir portas para muitas descobertas e sucesso na vida. Brinque o quanto puder, mas não deixe de reservar algumas horas por dia para estudar, estudar muito. E nunca mais fale assim de livros. Os livros podem transportá-lo para o mundo da realidade e o mundo da fantasia. Pode levá-lo a grandes aventuras, com as cores e os heróis que você mesmo vai criar em sua imaginação. O livro é saber, saber é conhecer, conhecer é aprender viver.

E eu questionava:

- Mas, quando o senhor era criança o senhor tinha que estudar muito e ler muitos livros?

- Carlos, o ensino era diferente. Hoje está até mais fácil e modernizado. Não se aprende ler e escrever mais pelo B, A, BA. Existe muito mais recurso. Mas, no geral, tinha que se estudar muito também.

- Ler livros não era muito comum, mas eu gostava de ler. Comecei a pegar gosto pela leitura depois que recebi no curso primário os livrinhos com as histórias do Jeca Tatu do escritor Monteiro Lobato. Eram histórias que contavam a vida de um caipira chamado Jeca Tatu e como ele poderia prevenir doenças, ficar mais forte, trabalhar melhor e vencer na vida. Daí, eu comecei a ler as outras obras de Monteiro Lobato, tais como: *Reinação de Narizinho*, *Viagem ao céu* e *O Saci*, *Caçadas de Pedrinho* e *Hans Staden*, *Memórias de Emília* e *Peter Pan*, *Emília no País da Gramática* e *Aritmética de Emília*, *Geografia de Dona Benta*, *O Poço do Visconde*, *Histórias de Tia Anastácia*, *O Pica-pau Amarelo*. São todos ótimos e me deram conhecimentos sobre a vida em um sítio e, principalmente, me deu asas à imaginação e criatividade em toda minha vida.

E eu confirmei:

- Estas histórias foram contadas no programa de televisão *O sítio do pica-pau amarelo!*

- De certa forma, sim. Este programa foi inspirado nos personagens de Monteiro Lobato. Aliás, eu sinto de nunca ter ido visitar o Sítio do Pica-pau Amarelo, onde morou Monteiro Lobato quando criança. Foi lá que ele se inspirou para criar os seus personagens, como a Emília, O Visconde de Sabugosa, o Conde de Rabicó, Dona Benta, entre outros.

Meu avô passou a mão na minha cabeça em sinal de carinho e saiu do meu quarto. Eu, lembrando suas palavras, voltei à leitura do meu livro com um pouco mais de entusiasmo.

.

Eu sentia que minhas relações com vovô estavam indo muito bem. Ele começou a querer falar mais sobre sua vida e eu aprendia com muitas coisas que ele falava. Em casa, ele passou a ser, além do avô, um grande amigo meu.

- Vô, quando vamos conversar de novo sobre as suas brincadeiras de criança? Faltaram várias que o senhor não falou! Eu perguntei.

- Carlos, vamos fazer diferente. Qualquer tarde desta, depois do meu soninho, é claro, convide alguns amigos seus e vamos aprender algumas brincadeiras, brincando e não falando. O que acha da ideia?

- Nossa! Genial! Vou chamar o Marcão, o Sérgio e o Júnior.

.

Uma tarde, eu me reuni com os meus amigos e vovô no quintal. E ele nos ensinou alguns jogos que não conhecíamos. Com as bolinhas de vidro, aprendemos jogar buraco e triângulo. As bolinhas de vidro eram lindas e coloridas.

Eu e meus amigos endentemos o jogo e deixamos vovô prosseguir em seu passeio pelo jardim e ficar em sua solidão. Isto era o que ele mais gostava de fazer.

E, assim, passamos a tarde, que até me esqueci de pedir à minha mãe que fizesse suco e lanches para nós. Ficamos tão entretidos, que não vimos o tempo passar. No dia seguinte, minhas pernas doíam de tanto levantar e abaixar para jogar as bolinhas de gude. Que exercício!

Em outro dia de preguiça, à tarde, quando não tinha nada para fazer, procurei por vovô para companhia e ver o que ele estava fazendo na oficina.

- E ai vô! O que o senhor está fazendo desta vez?

- Eu? Bem, estou tentando fazer um carrinho de rolamentos. Brincar de carrinho de rolamentos era muito comum na minha época, apesar de um pouco perigoso. Mas, era o mais emocionante e o que despertava as maiores emoções nas disputas.

- Para se fazer um carrinho de rolamentos precisamos de alguns materiais especiais, como 4 rolamentos de esfera, que você pode encontrar como peças usadas em oficinas mecânicas, tábua de trinta centímetros de largura por um metro de comprimento, dois pedaços de caibros de peroba, alguns pregos e parafusos e arruelas.

Enquanto falava, meu avô trabalhava com maestria construindo o seu último carrinho de rolamentos, motivado que estava pelas minhas conversas e interesse. Eu estava me sentindo bem com isto.

De repente, eu via o meu avô vigoroso, motivado. Ele se dedicava, agora, a fazer alguma coisa com entusiasmo. E olhava para mim o tempo todo para demonstrar esta sua satisfação.

Em algumas horas, depois de serrar, furar, aparafusar, testar, lá estava o seu novo carrinho de rolamentos. Este carrinho tinha quatro rodas de rolamentos de ferro, breques nas rodas de trás, direção flexível. Para pilotá-lo, a pessoa tinha que sentar-se atrás, onde tinha um apoio para as costas, colocar os dois pés na direção, virando para a esquerda ou para a direita,

dando direção ao carrinho. Depois, era só soltá-lo em uma ladeira e curtir a brincadeira.

- Pronto para testá-lo Carlos?

- Pronto! Vamos lá! Disse todo entusiasmado.

No meu quintal, tinha uma calçada em volta da casa. Eu e meu avô pegamos o carrinho e fomos para lá. Sempre atento, meu avô me deixou dar algumas voltas. Eu caí algumas vezes. E vovô advertiu:

- Viu, Carlos, foram por quedas assim que os carrinhos de rolamentos deixaram de ser construídos e proibidos pelos pais. Eu só queria que você soubesse como é. De vez em quando, você pode brincar no quintal de casa com os seus amigos e, mesmo não tendo ladeira, o carrinho pode ser movimentado por outra criança puxando-o por uma corda ou empurrando você pelas costas.

Os dias, as semanas, os meses foram se passando. Vovô completava suas narrativas a respeito das brincadeiras de sua infância. Eram todas muito criativas, esportivas e participativas. Eu gostava de ouvir. E aprendi várias outras, como:

- Brincar de ordem - Esta brincadeira consistia em jogar uma bola na parede e apará-la de volta com as mãos, mas sempre mudando os movimentos. Enquanto se jogava a bolinha de tênis na parede, falava-se o movimento que se ia fazer. Quem errasse, dava a vez para o colega. Cada expressão correspondia ao movimento de jogar a bolinha na parede e apará-la de volta e ao movimento ou posição que o jogador deveria fazer. Ordem. Sem lugar. Sem rir. Sem parar. Um pé. O outro. Uma mão. A outra. Bate palma. Pirueta. Trás para diante. Queda.
- Brincar de Escravo de Jó era divertido e sonoro. Duas pessoas, uma de frente para a outra, batiam as mãos seguindo uma sequencia de movimentos (mão direita contra mão direita, esquerda contra esquerda, alternadamente) e cantavam esta canção: Escravo de Jó, jogavam o caxangá, tira, põe, deixa ficar, guerreiro com guerreiro faz o zigue, zigue, zá, guerreiro como guerreiro faz o zigue, zigue, zá. (Quando do ziguezigue zá, a palmada se repetia três vezes).
- Brincar de passa-anel era uma brincadeira que os meninos gostavam de brincar com as meninas. Era uma forma de demonstrar sua afeição

e predileção. As crianças sentavam no meio fio da calçada e ficavam com as mãos fechadas em forma de oração.

A criança que iniciava mantinha em suas mãos fechadas na mesma posição um anel e se dirigia de criança em criança abrindo um pouco suas mãos com suas próprias mãos. A criança passava de mãos em mãos, sem deixar nada até que, em uma delas, deixava cair o anel.

Depois de percorrer todas as crianças, a criança que tinha recebido o anel era a que passava o anel na roda seguinte.

Outras brincadeiras a gente conhece até hoje, como: Pula-corda; Jogo de taco; Pular amarelinha; Barra manteiga; Bolinha de gude; Rodar pião; Empinar pipa; Cabo de guerra; Polícia e bandido; Corrida de saco; Jogar peteca; Jogar queimada.

- E, Carlos, estas são as principais que eu me lembro de brincar com meus amigos...

- Legal, vô! Pena que as crianças de hoje não brincam mais assim nas ruas...

- É, Carlos... Os tempos são outros... Os jogos de computadores, os celulares, os shoppings, a violência das ruas e tantas outras coisas, fizeram com que as crianças se esquecessem destas brincadeiras em grande parte delas...

Meus pais começaram a sentir uma diferença positiva no comportamento de meu avô. A atenção que eu estava dando para ele o estava motivando e fazendo com que ele se sentisse útil. Assim, ele se lembrava de seu passado com alegria.

Em um sábado de inverno, uma manhã fria e cinzenta, todos acordarem com aquele sentimento de que teriam que fazer alguma coisa para passar o tempo.

Surgiu aí a ideia de visitar o Sítio do Pica-pau Amarelo na cidade de Taubaté. Entrei na Internet no Portal de Taubaté e comprovamos que o local estava aberto para visitação.

- Vô, uma novidade para o senhor. Meu pai e minha mãe vão nos levar para conhecer o Sítio do Pica-pau Amarelo. Arrume suas coisas!

.

- É mesmo? Já estou indo! Já estou indo.

Meu avô parecia uma criança de tanto entusiasmo e se movimentava mais rapidamente para arrumar suas coisas do que nós. E lá foi toda a família rumo à cidade de Taubaté.



Finalmente, chegamos. Não pagamos nada para entrar, o que foi bom! A alameda que dá entrada ao Sítio do Pica-pau Amarelo era toda de mangueiras antigas. Fomos recepcionados por uma sócia da Emília e um sócio do Visconde de Sabugosa.

No quintal havia várias estátuas do Conde de Rabicó, da Tia Anastácia, Dona Benta. A casa onde Monteiro Lobato morou com os seus avós estava muito bem preservada em seu estado original.

Pudemos notar as grandes portas e janelas que permitiam, do lado de dentro, avistar todo o quintal e penetrar a luminosidade.

Os quartos foram transformados em museu e grandes painéis contavam a história deste grande escritor e suas obras.

Ao lado direito, logo na entrada da casa, tinha uma biblioteca onde pudemos ler os livros do Monteiro Lobato e meu avô se emocionou muito quando viu os livrinhos do Jeca-Tatu, os mesmos livrinhos que lhe foram dados quando criança.

Eu também li e acho que estes livrinhos deveriam até hoje ser distribuídos nas escolas.

.

A leitura é gostosa e fácil de entender. É muito útil para o nosso conhecimento sobre higiene pessoal e prevenção de doenças.

Na cozinha, o mesmo fogão a lenha, as panelas de ferro, os móveis fortes e simples que se usavam na época. Dois jardins isolados, com entrada por dentro da casa, eram uma graça. As árvores da época de Monteiro Lobato ainda estavam lá.

Tudo impressionava. Do lado de fora tem uma grande jaqueira, árvore que dá a fruta chamada jaca, de mais de 150 anos. Estava carregada de jacas enormes.

Meu avô ficou por muito tempo lendo todos os painéis, recapitulando a vida e obra deste escritor que muito orgulha a todos nós brasileiros.

Na saída do Sítio do Pica-pau Amarelo vovô viu um cachorro na rua e ficou, visivelmente, assustado. E eu perguntei:

- Vô, o senhor tem muito medo de cachorro. Mesmo como este, um pobre vira-lata que mora na rua. Por que?

- Ah, Carlos... E tenho mesmo... Talvez tenha sido algo que me aconteceu quando eu era criança...Tinha por volta de 7 anos de idade... Eu e alguns amiguinhos costumávamos brincar embaixo da janela de uma casa que ficava direto para a rua Lá morava um velho muito bravo. Quando a gente ficava muito perto da casa dele, ele se incomodava com a conversa da criançada, abria a janela e ficava gritando com a gente, falando: “Criançadas, vão brincar em suas casas, senão eu solto o cachorro”. E a gente saía correndo, rindo do velhinho...

- E foi em uma destas tardes que a criançada estava de volta para a rua e bem debaixo da janela do velhinho. E ele não teve dúvidas, soltou o cachorro que era bravo. Todos correram. Mas, como eu era o menor do grupo eu era o último a correr e o cachorro mordeu minha bunda e não largava.

- Eu gritava, o cachorro rosnava, mas não deixava de ficar com a boca na minha bunda, mesmo eu estando correndo. Eu fiquei apavorada. Depois de alguns metros, o cachorro me largou e ficou latindo de longe. Doe muito e isto me fez ter um pavor de cachorro... Traumas da infância, Carlos!

Eu procurei disfarçar o meu riso de vovô. Mas, que foi engraçado para quem viu a cena de vovô correndo do cachorro, com certeza foi.

À noite no jantar, voltamos a falar do passeio. Quando meu avô se retirou da mesa, meu pai reconheceu:

- Carlos, você nos ensinou uma coisa que estava passando despercebido para mim e sua mãe - a atenção que meu pai ainda merecia e estava carente e nós não estávamos dando. Com esta vida louca que se vive no dia-a-dia, deixamos de notar sua presença. Ele parecia uma pessoa fraca e quieta que queria somente descanso e isolamento. E isto não era verdade. Eu e sua mãe queremos te agradecer por isto!

Eu fiquei contente e orgulhos com o elogio de meus pais. Uma tarde, o vi sentado no banco embaixo do seu amigo abacateiro. Ele olhava fixo para os passarinhos, que se fartavam com as bananas, os pedaços de mamão e os montinhos de quirera de milho que colocara no comedouro. Quando me aproximei, ele tomou a iniciativa da conversa.

- Carlos, bom dia! Dormiu bem? Já tomou café?

Eu acenava como a cabeça respondendo os vários sim.

- Veja que interessante! Quando eu comecei a alimentar os passarinhos, vinham somente rolinhas e pardais.

- Hoje já são mais de 10 espécies de pássaros que se alimentam aqui, como o Bem-te-vi, Sabiá, Sanhaço, Tico-Tico, Tuim e outros que eu não sei o nome. Tem um todo pretinho pequeno, outro com a asa marrom e o corpo amarelo.

Com meu avô eu aprendi respeitar as plantas como nossas irmãs e amar os animais! Um dia eu perguntei ao meu avô:

- Vô, como eram as suas festas de aniversário e Natal? O senhor ganhava muitos presentes?

Meu avô deu um leve sorriso e respondeu sem mágoas:

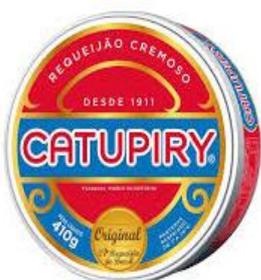
- Carlos, meus pais estavam tão focados em obter recursos para o sustento e o futuro de seus quatro filhos que trabalhavam todos os dias, incluindo os dias de festas, como o Natal e Primeiro do Ano. Assim, não tínhamos o hábito de festas de aniversário ou comemorações de Natal e Ano Novo. Em minha infância, eu nunca soube o que era isto. Mas, entendo que eles não tinham condições... Não tinham condições...

.

- Verdade, vô? Será que é por isto que o senhor não gosta muito de festas? Perguntei.

- Carlos, não sei! Talvez, eu não tenha aprendido a gostar de festas... Respondeu vovô sem querer estender mais o assunto.

Mas, ele completou:



- Carlos, entretanto, havia um dia de festa em casa. Era quando meu pai trazia uma caixa de requeijão Catupiry e uma lata de goiabada. Os quatro filhos famintos por um doce devoravam tudo em segundos... Isto até hoje me marca.



- Quando algum neto me pergunta o que eu gostaria de ganhar de presente eu respondo sem dúvida: Uma caixa de Catupiry e uma lata de goiabada... Então eu como até me faltar... É como se estivesse matando uma vontade acumulada na infância!

- Então, vô, eu ainda estou te devendo este presente! Disse.

- Vou esperar! Da mesma forma que esperava ansioso pelo meu pai! Respondeu vovô.

Os dois riram... E vovô finalizou as histórias de sua infância:

- Carlos, como último assunto, eu me lembro do meu tempo de ginásio. Naquela época, o ginásio era o curso acima dos 4 anos do curso primário. Como não havia muitos ginásios, você tinha que fazer um vestibular para entrar. No grupo de meus amigos, somente eu consegui entrar. Meu pai ficou muito orgulhoso. Bem, ele não era de demonstrar isto. Mas, um leve sorriso e um piscar de olho fixo em mim foi o suficiente para eu entender que ele ficou muito orgulhoso de mim.

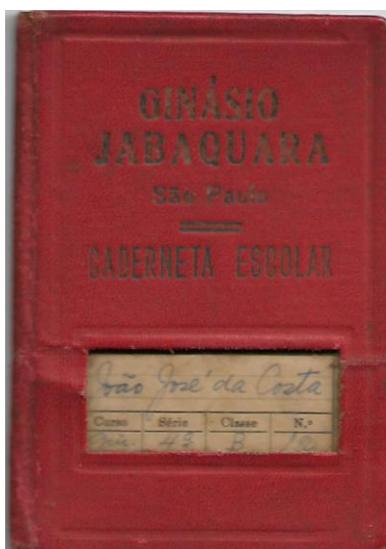
- E foi a época que eu estava deixando a infância e entrar na puberdade. Eu estava com 16 anos. Eu comecei a prestar atenção nas meninas, procurava saber o que era namorar. Na minha classe eu era o primeiro da turma e chamava a atenção das meninas. Eu gostava da Loreta, que não gostava de mim e a Doracy gostava de mim, que eu não gostava dela...

.

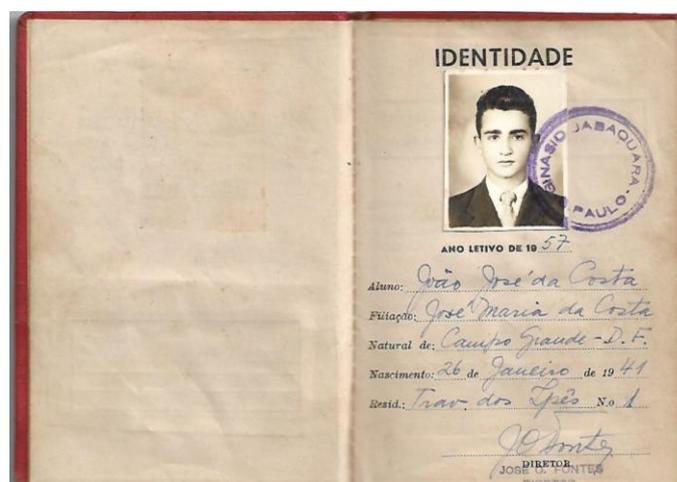
- Naquela época eu trabalhava na mercearia do senhor Nelson, um japonês. Talvez, em um dos primeiros esquemas de “delivery” que conheci. Eu saía pela manhã de casa em casa no Parque Jabaquara, anotava o que as donas de casa precisavam e, em seguida, voltava para a mercearia, arrumava todos os pedidos, colocava em um carrinho de mão e fazia a entrega. O senhor Nelson me dava alguns trocados e me ajudava a comprar material escolar. Estava feliz assim... Até que um dia...

- Eu não tinha ido à aula naquela manhã. E, enquanto esperava para atravessar a Avenida Jabaquara em direção ao Parque Jabaquara para fazer a entrega com meu carrinho de mão, um grupo de alunos do Ginásio Jabaquara estava vindo pela calçada após o final das aulas. E naquele grupo estavam a Doracy e a Loreta...

- Elas olharam surpresa para mim, não sabiam que eu fazia este serviço, perguntaram a razão de eu não ter ido à aula. Mas, este encontro me deixou tão envergonhado perante elas que, no dia seguinte, não fui mais trabalhar na mercearia do senhor Nelson. Sabe, Carlos, a adolescência é a época em que você mais fica inibido e se envergonha a toa. Não havia motivos de eu ficar envergonhado por estar fazendo carreto. Mas, não foi assim que eu me senti na ocasião.



Em seguida, vovô me mostrou sua caderneta do Ginásio Jabaquara, que guardava como relíquia. E eu pude ver que, realmente, suas notas eram dignas de um aluno primeiro de classe!



Disciplinas	NOTAS E TOTAIS				MENSAS DE FALTAS											
	MARÇO		ABRIL		MAIO		JUNHO		AGOSTO		SETEMBRO		OUTUBRO		NOVEMBRO	
	Notas	Faltas	Notas	Faltas	Notas	Faltas	Notas	Faltas	Notas	Faltas	Notas	Faltas	Notas	Faltas	Notas	Faltas
Português	.	.	8	.	8	.	.	.	9	.	9	4	10	4	.	.
Latim	.	.	10	.	10	.	.	.	10	.	9	.	10	1	.	.
Francês	.	.	8	.	10	.	.	.	10	.	9	.	10	2	.	.
Inglês	.	.	9	.	9,5	.	.	.	10	.	10	.	10	.	.	.
Matemática	.	.	8	.	8	.	.	.	9	.	6	.	8	2	.	.
C. Naturais	.	.	8	.	8	.	.	.	10	.	7	.	8	2	.	.
Hist. Geral	.	.	9	.	10	.	.	.	10	.	10	1	10	2	.	.
Hist. Brasil	.	.	10	.	10	.	.	.	10	.	10	1	10	2	.	.
Geog. Geral	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.
Geog. Brasil	.	.	10	.	9	.	.	.	8	.	10	1	10	1	.	.
T. Manuais	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.
Desenho	.	.	7	.	7	.	.	.	7	.	9	1	9	.	.	.
C. Orfeônico	.	.	6,5	.	10	.	.	.	9	.	10	.	10	2	.	.
Ec. Doméstica	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.
Ed. Física	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	1	.	.	.	2	.

Os anos se passaram. O velho abacateiro de vovô estava muito doente, com vários galhos podres que já não tinham folhas, nem produziam flores e frutos. Ao seu lado, o abacateiro que eu plantei em sua homenagem, crescia forte, elevando-se às alturas.

Eu possa afirmar que o meu avô se tornou o meu melhor amigo. Conversávamos sempre sobre os meus problemas e sempre tive nele as melhores orientações. Problemas de relacionamentos com meus amigos, problemas na escola, problemas afetivos com minhas namoradas.

Eu sempre encontrei em vovô uma palavra sábia e confiável. Eu fui crescendo, meu avô envelhecendo, eu saía muito da casa para estudar, cursar faculdade e meus encontros com vovô diminuíram. Ele, igualmente, foi se recolhendo em sua solidão cada vez mais. Suas atividades na oficina ou no jardim já não eram com a mesma intensidade.

O Destino prosseguiu em seu curso, com notícias boas, com momentos de alegria, e com os de tristezas e de dor.

Vovô costumava falar com frequência a seguinte frase:

- Com sua experiência e sabedoria você irá até certo ponto, dentro de certo tempo, na conquista de seus ideais. Se você aprender a somar a experiência e sabedoria dos mais velhos, você irá mais longe e em menor tempo.

Esta é a história do dia em que conheci meu avô e que marcou para sempre a minha vida.

Eu me formei arquiteto e progredi na vida pela criatividade e engenhosidade de meus projetos. Na recepção de meu escritório, eu mandei fazer uma decoração formada por uma estrada feita em cobre polido em curva, descendo e subindo, apoiada em uma grande pedra de granito cinza. Descendo por esta estrada estilizada estava o carrinho de rolamentos, o mesmo carrinho que meu avô havia construído e me dado de presente. Esta decoração era uma forma de prestar uma homenagem em sua memória.

Com o meu avô, eu aprendi, também, a me aproximar de outras pessoas mais velhas e somar minha sabedoria e experiência com as deles.

No quintal, meu velho pai, agora avô de meus dois filhos, repete uma rotina própria, como fazia o meu avô. O velho abacateiro morreu logo após a morte de meu avô.

Os pássaros ainda vieram ao comedouro por algumas semanas em busca da quirera de milho, banana e mamão. Mas, também se foram, cansados de encontrarem o comedouro vazio... Ninguém na casa se interessou em dar continuidade ao comedouro de vovô...

Hoje o abacateiro que eu plantei está grande e produzindo gostosos abacates.

Após o meu cansativo expediente de trabalho, eu procuro o conforto do abacateiro. Eu permaneço sentado à sua sombra por alguns minutos, calado, com os olhos voltados para o passado. E percorro em meus pensamentos as histórias que ouvia de meu avô.

Após um longo suspiro de saudades, eu coloco a mão no tronco do abacateiro, sentindo sua energia. Depois, volto ao convívio de minha família, onde meus dois filhos estão curiosos para ouvir as minhas próprias histórias.

Em algumas noites estreladas, eu costumava ficar próximo do meu abacateiro, olhando para o céu e pensando:

- Vovô deve estar em algum lugar no céu, agora plantando estrelas...

Ou visitando um parque natural em algum planeta escondido de uma desconhecida galáxia...

Ou até orientando um pequeno ser espacial dando-lhe luz nos estudos...



Um dia, porém, algo mágico aconteceu em minha vida!

Eu voltei à velha oficina, onde meu avô costumava se entreter consertando coisas. Estava tudo muito empoeirado. Ninguém entrava mais lá, deixando tudo como meu avô tinha deixado.

Era como se fosse um santuário em sua memória. E foi nesta tarde que eu encontrei uma caixa escondida no alto de uma prateleira. Ela estava com centímetros de poeira, prova que não era aberta há décadas. Curioso, eu abri a caixa, limpando primeiro à espessa poeira.

E foi nesta caixa que eu recebi a mais rica herança e o maior presente de meu querido avô. Eram vários livros, contando histórias. Eu não podia imaginar que meu querido avô escrevia tão bem.

- Puxa, o vovô era um escritor! Pensei surpreso.

Eu levei o precioso tesouro para meus pais verem e lerem. Eles ficaram encantados com as histórias escritas por vovô há tantos anos atrás!

- Ele nunca disse a ninguém que era um contador de histórias! Disse papai.

.

Eu limpei com todo cuidado e carinho os livros com dezenas de histórias escritas pelo meu avô e as encadernei em uma maravilhosa e única coleção. Esta coleção foi imediatamente guardada na prateleira de meu escritório em casa.

Sempre que tinha uma oportunidade, eu lia e relia estas histórias e pude sentir que os manuscritos tinham um bom nível literário. Eu percebi que as histórias contadas pelo meu avô retratavam de alguma forma suas brincadeiras de crianças, seus passeios na adolescência, seus amigos na infância, seus colegas de escola, seus amores, seus sonhos, sua maneira de pensar e ver a vida, seu amor pela natureza e pela ecologia, o seu interesse pela cultura e conhecimento, a importância que dava ao desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica e espiritualidade.

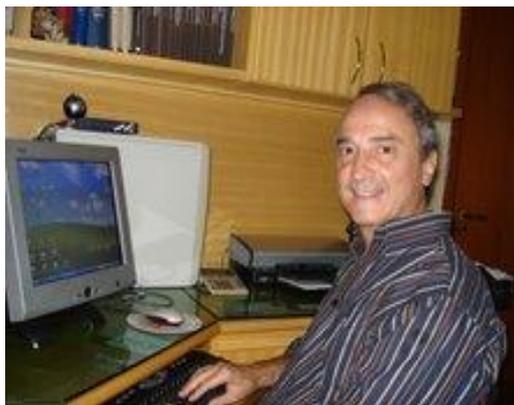
Nós nunca soubemos a razão do meu avô ter escrito estas histórias em silêncio e sem nunca as ter mostrado a alguma outra pessoa da família. Talvez, meu avô tenha feito o próprio diário de momentos de sua vida, escondido atrás de histórias infanto-juvenis...

Muitos anos depois, meus pais se mudaram para um apartamento em outro bairro da cidade de São Paulo. Eu me mudei para outro apartamento, próximo ao deles. Não queria que meus dois filhos se distanciassem de meus pais, seus avôs.

Da mesma forma como aconteceu com o meu avô, deixei para trás o quintal grande, o meu abacateiro e tudo o mais que fazia parte de minha infância e me fazia lembrar sempre do meu avô.

Com o meu avô eu aprendi a importância de se ter uma família. Agora, eu olho para o meu pai, minha mãe e minha irmã com outros olhos. Entendo que eles me dão atenção e carinho. Mas, esperam que eu, também, lhes dê atenção e carinho. Assim, eu me interesso mais pelos assuntos de meu pai. Agradeço o trabalho que minha mãe tem comigo. Brinco com minha filha, sabendo que um dia ela vai ficar adulta, se casar e sair de casa.

Vovô foi um homem bem-sucedido na vida, apesar de que, como ele sempre dizia, nem todos os seus sonhos conseguiu realizar... Ele costumava dizer que o homem precisava nascer duas vezes, com a mesma experiência da primeira vida, para ter uma segunda vida sem erros e frustrações... Mas, como isto não é possível, ninguém vive sem erros e frustrações em uma vida.



Vovô nasceu no dia 26 de janeiro de 1941. No bairro de Campo Grande Cruz, filho do imigrante português José Maria da Costa e da neta de imigrantes italianos, Anna Josephina da Costa. Formou-se Técnico de Contabilidade, Professor de Direito e Legislação Aplicada, Administrador, Advogado e em Pós-graduação em Recursos Humanos.

Na vida profissional, foi executivo em Recursos Humanos em grandes empresas multinacionais e nacionais, destacando-se nas atividades de desenvolvimento e formação de pessoas. Aos 60 nos começou a escrever seus primeiros trabalhos com o objetivo de deixar mensagens educativas para as crianças que pudessem somar no desenvolvimento do seu caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica, espiritualidade, cultura e conhecimento.

Agora, aposentado, dedica-se mais ativamente a escrever livros infanto-juvenis e outros, essencialmente voltados para a educação das crianças. Ao completar 75 anos, meu avô escreveu:

“Na verdade, próximo de completar 75 anos, eu descobri que continuei sendo o mesmo menino de outrora, criado na simplicidade herdada de meu pai José Maria da Costa e de minha mãe Anna Josephina da Costa, com a imaginação tomando conta da minha mente; amoroso e protetor dos animais e plantas; bondoso com as pessoas; procurando ser divertido; tendo sonhos e fantasias e sempre... sempre querendo aprender”.

Vovô teve uma infância muito humilde e venceu na vida graças aos seus três encantamentos de criança: seu interesse pelos estudos e pelo saber, seu amor à Natureza e seu respeito à religiosidade e espiritualidade.

Como um amante da Natureza desde criança, gostava de fazer excursões pelos parques nacionais e cidades brasileiras, em especial, históricas e ecológicas.

Vovô deixou dezenas de mensagens educativas para as crianças através de seus livros infantojuvenis.

Vovô acreditava na vida eterna. Ela achava que, ao morrer, nosso espírito passa a viajar pelo Universo sem fim.

Esta é a única razão pela qual Deus criou o Universo, dizia ele. Vida eterna, Universo Infinito... Isto fazia sentido para ele!

“Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar. Evangelho de João 14:1,2”.

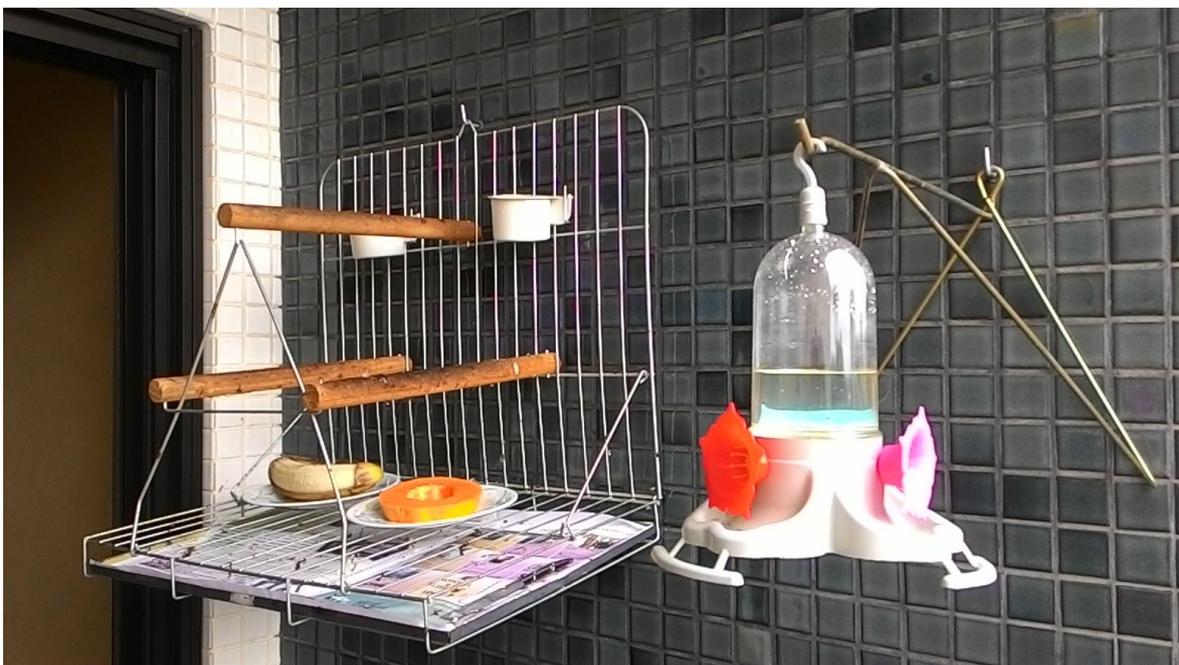
Vovô era um homem de pouca fala. Mas, ele deixou mensagens de vida aos seus filhos e netos através de seus exemplos de vida, exemplos de atitudes e decisões que deram certo como, também, exemplos de atitudes e decisões que não deram certo em sua vida...

Dizia que aprender com as coisas certas e erradas dos outros soma muito em nossas próprias experiências...

Na varanda do meu apartamento eu procurei atrair um pouco de pássaros para o meu convívio. Eu instalei um comedouro. Nele eu coloco mamão, banana, quirera e tenho bebedouro com água açucarada.

E já tenho diversos visitantes todos os dias: pardais, sanhaços, encontros, cambacicas, periquitos, bem-te-vis, sabiás, saíras, além dos beija-flores.

Uma forma de manter viva em minha mente os dias vividos com vovô na casa de quintal grande no Jabaquara...



E o tempo passou...

Como passa rápido o tempo, não?

Um sábado chuvoso, sem nada para fazer, resolvi visitar o bairro do Jabaquara e ver a casa de quintal grande onde vovô morou por muitos anos e eu, parte de minha infância. Tinha a curiosidade de saber se ela ainda estava lá...

Naquela tarde eu tomei conhecimento de fatos tristes...



A casa de quintal grande fora vendida para uma construtora para construir um prédio de apartamentos e lojas. E isto foi o fim do pequeno paraíso de vovô e o meu definitivamente.

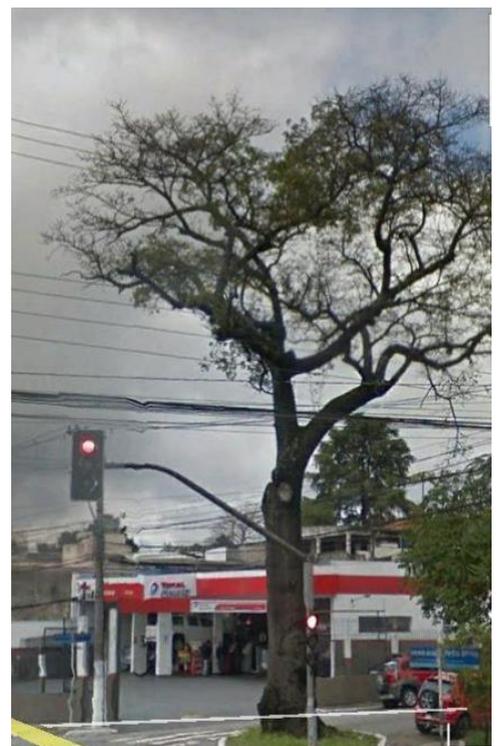
Minhas árvores e as árvores de vovô, os jardins, a horta, o meu abacateiro, as bananeiras e tudo o mais foram destruídas pelas serras e tratores.



*(Foto atual do prédio de apartamentos e lojas construído no que era casa de quintal grande de vovô).*

A única testemunha viva da infância de vovô é esta centenária Paineira, situada na Avenida Engenheiro Armando de Arruda Pereira, 52, esquina com a Rua Dona Bader Gebara, no Jabaquara - SP.

Vovô dizia que ao redor do aeroporto de Congonhas havia uma linda mata com milhares de árvores, onde ele brincava com os seus amigos. Poderia ter sido preservada.



Hoje seria um grande parque ecológico para a cidade de São Paulo. Não fizeram isto... Agora, surgem movimentos para mudança do aeroporto de Congonhas para uma localidade mais isolada porque está cercado de casas e prédios...

Foi tudo destruído por conta do “progresso dos homens”... Tudo destruído... Aprendi que o interesse econômico e a ambição dos homens são sempre superiores aos interesses de preservação da Natureza... Triste e infelizmente...

Muitas vezes, os sonhos que construímos e conquistamos não são preservados por outras pessoas... Elas têm outros sonhos, outras ambições... Elas querem ter suas próprias experiências e vivenciar suas próprias emoções... Isto é da vida!

A nós restarão sempre as lembranças, a saudade e o sentimento de ter sido coerente com seus sonhos e conquistas, a cada momento de sua vida...



Todas as vezes que olho para os céus à noite, lembro-me de uma frase de vovô: *“Ao morrer, nosso espírito passa a viajar pelo Universo sem fim. Esta é a única razão pela qual Deus criou o Universo. Vida eterna, Universo Infinito... Isto faz sentido!”*.

Ah, vô! Que saudades! Queira Deus que sua crença esteja certa! Assim, todos os que o senhor amou e todos que o amaram poderão se encontrar nos caminhos do Universo um dia...

E, juntos, viajarem felizes infinitamente pela vastidão do infinito!

E plantarmos muitos pés de abacate por este Universo afora!

FIM

